

POETAS & AMIGOS × 詩人和他的志同道合們 × POETS & FRIENDS



chūnfēn

[equinócio da Primavera × Spring equinox]

DIA MUNDIAL DA POESIA × 國際詩歌節 × WORLD POETRY DAY



官樂怡基金會
FUNDAÇÃO RUI CUNHA



官樂怡基金會
FUNDAÇÃO RUI CUNHA

POETAS & AMIGOS

詩人和他的志同道合們

IDEIA E REALIZAÇÃO DE FERNANDO SALES LOPES

構思及安排 - 羅方禮

PROGRAMA

21.3.2013

POETAS & AMIGOS

ABERTURA

POEMA

PRIMAVERA DE VIVALDI

ÁGUA ÁRVORE POEMA

1.º ANDAMENTO

CARLOS MORAIS JOSÉ

JAMES LI

KIT KELEN

CANÇÃO DE AMOR AINI

優侂情歌

2.º ANDAMENTO

FERNANDO SALES LOPES

YAO FENG

MANUEL AFONSO COSTA

CHUVA DO SUL 雨碎江南

RECORDANDO...

CORRIDA DE CAVALOS 赛马

3.º ANDAMENTO

MANUEL PINHO

TEREZA SENA

HAN LILI

ANTÓNIO MIL-HOMENS

RIO NUMA NOITE DE PRIMAVERA

春江花月夜

4.º ANDAMENTO

DEBBY SOU VAI KENG

GONÇALO LOBO PINHEIRO

CARLOS FROTA

CINCO IMPROVISOS ORIENTAIS E ADEUS

MACAU 五部東方劇場以及再見澳門

Colaboram, ainda, neste Encontro com a sua arte e talento:

João Pedro Costa – leitura de Poemas

Grupo Ad-Hoc (artes performativas) com Daê Enedino, Erica Ramos, Alexandra Ferreira e Adriano Gaspar, encenados por Laura Nyogéri e José Nyogéri)

os músicos Ana Filipa Neves Ferreira (piano)

李昕阳 Li Xin Yang, 胡小玉 Hu Xiao Yu (Erhu)

張昱蕊 Zhang Yu Rui, 程憲 Cheng Xian (Guzheng)

詩人和他的志同道合們

- 9 CARLOS MORAIS JOSÉ
15 JAMES LI
21 KIT KELEN
29 FERNANDO SALES LOPES
37 YAO FENG
43 MANUEL AFONSO COSTA
51 MANUEL PINHO
59 TEREZA SENA
63 HAN LILI
67 ANTÓNIO MIL-HOMENS
73 DEBBY SOU VAI KENG
79 GONÇALO LOBO PINHEIRO
85 CARLOS FROTA
-



官樂怡基金會
FUNDAÇÃO RUI CUNHA

design by **FRC graphic design**



O tempo era de calções, anunciando a sua bondade
O sol brilhava de braço dado com o fresco da tarde
A andorinha que ainda a não fazia chegava laboriosa
Uma paleta de tons tomava conta de toda a natureza
E o verde tapete dos campos salpicava-se de cores
As flores abriam as corolas, oferecendo o seu mel
Os animais em voos e saltos de corte multiplicavam-se
E nos humanos despertava, também, a força do tempo
Com o equilíbrio dos elementos chamando ao amor.
O pagão marcava o ritual nas primícias da Páscoa
Nas doces amêndoas, nos ovos, no ninho que é foliar
Na merenda apetitosa à sombra da frondosa árvore
Em honra duma Ascensão que é o dia da Hora-espiga
Trigo-pão, oliveira da paz, ouro e prata em malmequeres
Saúde, força, e bem longe o mal no aroma do alecrim
E a vida sem a qual o amor é nada em rubras papoilas
Na hora do dia, em memória já não se sabe de quê
param as águas, e as folhas das árvores se cruzam
e diz quem viu, não leveda o pão, nem coalha o leite.

Espiga. Contigo me protejo dos males da terra e dos céus
É Primavera em que tudo se transforma e se renova.
E em que a liberdade um dia brilhou, e se fez poema.

Fernando Sales Lopes
(Poema da Abertura)

詩人和他的志同道合們

CARLOS MORAIS JOSÉ

CARLOS MORAIS JOSÉ

PÓLO SUL

Só a vida é mais triste que a
música.

Este entrever, quase adivinhar
suspenso,
do que separa o silêncio:

Rasgam-se os dedos cegos
no vão marfim das sonatas,
no tom dos metais, argentino,
no vislumbre repentino
mas certo
de inútil desconcerto.

— Não a mim, senhores...,
que me deito em qualquer
leito
sem medo de dissabores!

Ter a vida de um romeiro
que parta ao Pólo Sul,
a ver céus feitos de tule,
verdades no nevoeiro.

— Vou embarcar num cargueiro!

Sobre o convés, arrependido,
cantando:

*C'os meus irmãos sonharei voltar,
verei a morte em alto-mar.*

*C'os meus irmãos sonharei voltar,
verei a morte em alto-mar.*

Como enjoa a viagem,
vómitos frios, miragem
assolando, com a força do Suão.

Comemos o capitão
(ele não tinha razão...).

Encostámos nesta margem.

Praias, calor, aguaceiro,
mulheres de risos ardentes...
Logo de novo não sentes,
cheiro perto o mar matreiro:

— Vou embarcar num veleiro!

Varia então o tormento:
e sob as velas ufanas,
sinto falta das cabanas
donde me afasta o vento.

Venero agora o azul,
a única liberdade,
deixo p'ra trás a cidade,
sigo para o Pólo Sul.

Lá, a coberto da distância,
em deserto tão calado
percebo quanto é errado
o final desta errância.

— Vou daqui par'ó Japão!
As mulheres não fugirão...

GAZEL DO JARDIM DE HERAM

Não sei se era assim o Éden quando Adão sobre nada meditava,
pois ele nada conhecia.

Pensei em fugir ao sol, na sombra rubra das flores, escutando o rouxinol,
que o pai compreendia, e o crepitar da água para ouvir o que dizia.

Não fui homem nem capaz de esperar em demasia: era a Árvore e só a Árvore
o que eu realmente queria.

Questionei o rouxinol, perguntei à rosa fria:
o primeiro bateu asa, a segunda não sabia.

— Onde estás estranha planta, que Ele tanto proibia? No Jardim ninguém sabia.

Foi na fonte de água pura, de onde os rios partiam, que percebi num instante
o quanto o engano dura.

— É lá fora, vem connosco, trinaram os quatro irmãos mas, já perto do portão,
vi cerrada a fechadura.

E, olhando de novo a fonte, percebi que não há ponte, nem vereda,
nem caminho. Sobra Eva e sobra o vinho, uma bondade alterada.

E sobra em meu coração uma serpente enroscada.

AMOR DE GOA

Se o amor não é de Goa
Quede-se a alma em Lisboa
Até se me o peito curar
Vida por engalantar:
Pelas Índias não ecoa
Se o amor não é de Goa

Enquanto for deste mundo
Regresso mas fico à toa
Que o amor não é de Goa...

Alma leve e desleixada
Por outro corpo roubada
Nele traidora se detém.
Pena agora quem sozinho
Se gasta pelo caminho
E a pedra de ouro retém

Alma nunca amargurada
Mas só por ser contestada
Surge aqui esta hiância:
Por ali o mundo ledado
Do lado de cá o medo
Sobra calada distância

Quem disse que ver é dor
Com o olhar baço, profundo,
Vê o mundo sem temor

詩人和他的志同道合們

JAMES LI

15

É PRIMAVERA. QUE A ÁGUA ALIMENTE A ÁRVORE DO POEMA!

JAMES LI

PASSEIO À BEIRA DO RIO GEBÁ

(Que qiao xian¹)

Ervas secas estão a murchar
nas bermas do caminho;
Névoas estão a invadir
as duas margens do rio;
As águas difusas do rio hesitante
parecem não ter saída;
Os cantos dos pássaros
e os guinchos dos macacos
trocam um diálogo incomodado;

Como é que posso passear
com este ambiente deprimente?
Estou a sentir-me solitário
num lar estrangeiro
com saudades do Oriente;
Só a alma vai passear
na via láctea celestial;
Estou sentado no dique do canal
para fazer contas ao coração,
pois quero saber
quando é que poderei regressar?

Guiné-Bissau, Dezembro de 1983

Que qiao xian (鵲橋仙), sintonia modelo
do poema clássico da China, composto
por duas estrofes com 56 caracteres.
Cada estrofe é regulada com rima de dois
tons oblíquos.

UMA ÚNICA ROSA

Mesmo uma única rosa,
poderá trazer o sorriso,
para todas as flores,
com seu carinho e amor;

Mesmo uma única rosa,
poderá trazer a alegria,
para todo o mundo,
com seu calor e simpatia;

Mesmo uma única rosa,
poderá ser para mim,
toda a minha vida,
tanto na China,
como na Lusofonia;

E, neste Dia de São Valentim,
ela vem mais uma vez,
no meu coração,
onde, para sempre,
ficará

Macau, Dia 14 de Fevereiro de 1999

VISITA A PENICHE

Depois de ter saído de Leiria,
chegámos à beira do imenso mar;
Peniche é uma península
no regaço dos vagalhões do Atlântico;

No espaço do parlatório
ainda se vê o manuscrito de um soneto
de António Borges Coelho,
cujos versos são comoventes:

O arquipélago das Berlengas
está saltitando no fim das águas,
onde se encontram espécies raras
de fauna e flora, peixes e aves;

“E na gávea da velha fortaleza,
fico a seguir o rumo dos navios,
num choro de asas de gaivota presa.”

A praça-forte é uma antiga fortaleza,
prisão durante o regime de Salazar,
onde foram encarcerados
prisioneiros políticos ou antifascistas;

Peniche, Portugal, Dia 12 de Janeiro de 2011

A cela conhecida como “segredo”,
onde eram infligidos
aos prisioneiros
os castigos mais severos;

詩人和他的志同道合們

詩人和他的志同道合們

KIT KELEN

KIT KELEN

ANCESTOR WORSHIP

people smelt bad in the old times imagine them in bed
they had bad teeth creating generation after generation
they were stupid like your parents at it
everything was ill fitting but much worse
so they fell about in sacks infinitely uglier older
their habits were appalling o how ungainly
no wonder they didn't live long this getting a leg over
the dipping of the wilting wick

o they suffered much
but so much of it was self inflicted and that is why we worship them
because we're here
and they inflicted we're here
their world on us
of course they didn't know any
better

so appallingly clumsy
they broke almost everything
they touched

they were like clowns before the
circus was thought of

祖先崇拜

過去的人臭氣熏天
長一口爛牙
愚蠢
格格不入
所以他們掉進麻袋
他們的習慣很嚇人
怪不得他們活不長

哦 他們受了很多苦
但多半是咎由自取

他們把世界
強加給我們
雖然他們也一知半解

如此驚人的笨拙
他們弄壞了幾乎所有碰到的東西

就像在馬戲團還未出現前表演
的小丑

想像他們在床上
創造著一代又一代

就像在床上的父母
但他們更糟
極醜極老
哦 多麼醜陋
跨上一條腿
一條蘸濕的無力的燈芯

這就是為甚麼我們崇拜他們
因為我們在這兒
我們在這兒

CURSING CULTURE

詛咒的文化

outside the Camoens gardens
there is an untranslatable frenzy

在賈梅士公園門口
有一種無法傳譯的瘋狂

anyone with a grudge can come
to

任何一個心懷怨恨的人
都可以來到這裏

da siu yan

「打小人」

hit the little man

打小人

fall down in the street

撲街

eat shit

食屎

penis this and penis that

屌這屌那

may your daughter have no hips

生女的沒屁股

your son no arse

生男的沒屁眼

and

「打小人」

da siu yan

打小人

hit the little man

(關文淑 姚風 譯)

SEPTEMBER (INSTRUCTIONS)

九月（導讀）

dream fountains
under dappled light
oasis fruits
crisp cloth on table
better still clear water
in glass
unbreakable shade

過去的人臭氣熏天
夢見噴泉
在斑駁的光影下
綠洲的果實
硬邦邦的桌布
還好，杯子裏
還有靜止的清水
打不破的陰涼

wake bathed
in the heat comes hammering still
till rain nails everything down

醒來
在高溫的捶打中洗澡
直至雨水釘住所有東西

pray for a breeze
but not too hard

祈求微風
但別太猛烈

keep the bath
first thing it takes you from dreaming
reminds you to give gods thanks for
the sea
it stems the heaviness of noontide
last cleanses you for night
that you might
dream fountains
still water
clear glass

繼續洗澡
首先這防止你做白日夢
提醒你為大海向神感恩
減輕了中午的疲倦
把你沖洗，為了你
在夜晚可以
夢見噴泉
靜止的清水
晶瑩的水杯

（劉鈺馨 姚風 譯）

MACAO: APOSTROPHE

澳門：呼語

Macao

I would like you to stop at the
crossing for me
and without cursing
and not just for me
what-the-hell
for yourself

澳門

我要你在十字路口給我停下來
不要罵人
不只是為我
他媽的
也為你自己

Macao

I would like you to smoke less
not to spit the bones out on the table
to clear your throat less noisily
what do you expect? *I'm a gweilo*

澳門

我要你少吸煙
別在桌上吐骨頭
清喉嚨的聲音要小一點
不然你想怎樣？我是個鬼佬

Macao

if your mobile goes off once more
in a concert
I'm going to crush it under my big
cowboy boot
I know it will be noisy but think of my
pleasure
and how we might then all hear the
song

澳門

如果你的手機在演唱會上再
響起
我就用我的牛仔靴把它踩扁
我知道這樣會很吵
但想想我的樂趣
只有這樣我們才都能聽到樂曲

(劉鈺馨 姚風 譯)

詩人和他的志同道合們

POETAS & AMIGOS

詩人和他的志同道合們

FERNANDO SALES LOPES

FERNANDO
SALES LOPES

PORTULANOS.

Marco portos, traço rotas
No amaranhado dos ventos
Em rosas calculo derrotas
No voo dos pensamentos

Treme a agulha e a virtude
À direita assenta o norte
Navego sem latitude
Confio em mim e na sorte

No vaivém das caravelas
Novas linhas, mais um passo
Marco pontos, olho as estrelas
Roda a agulha e o compasso

Até vir o astrolábio!

Grita o marinheiro da verga
Tisnado a esbracejar
Cruza os pontos ó marujo
Com o regimento da Polar

Da Polar que marca o norte
O cruzeiro luzindo a sul
Dos alísios ao vento forte
Roda a nau no mar azul

E já temos latitude!

“Aqui ao leme, sou mais do que
eu...”

Dobra o cabo da esperança
Meu Pessoa alma futura
Dá-me força, perseverança
Para aportar nesta loucura
Quero navegar o universo
talvez por dentro de mim
e que fique escrito em verso
a grande viagem sem fim

Maio 2012

III.

三

Cantas Pessoa

你吟唱佩索阿

O Império

第五

O Quinto

帝國

Sons de angústia

痛苦的音

A meus pés

A Cidade

在我腳下

O rio.

此城

A montanha

此山

此河

1997

1997

POETAS & AMIGOS

FONG-SOI

Os homens
em nome duma força
que não lhe deste
decapitaram
O teu Dragão

E a bússola
nunca mais encontrou
a água
e o vento

1989

風水

曾幾何時，
不問天意，
擅斬龍首，

豈不犯忌。

FADO

Lá vai pela rua o tim-tim
Com o velho que já foi novo
Contando um conto sem fim

Outros olhos lhes darão
Nova vida, outro sentido
Nova alma, nova razão

Mudando de mão em mão
Transforma o velho em novo
Nova alma, nova razão

Vivida num sonho sem fim
Fosse assim a nossa vida
Lá vai pela rua o tim-tim

Lá vai pela rua o tim-tim
Com o velho que já foi novo
Carregando um conto sem fim

Outubro de 2010

Memórias em velhos cacos
Alegrias de outros tempos
De amores desfeitos, farrapos

Lá vai pela rua o tim-tim
Com o velho que já foi novo
Levando um conto sem fim

olhar um mar de lama e sonhar
navegar o mundo, continentes
pelo outro verde e prata ao luar
penetrar florestas viver gentes

sonho? Talvez. Mas o que é sonhar
senão a força do nosso outro mundo
e com ela podermos, enfim, zarpar
viajar no acordado sono profundo

no sonho tudo é real e vivente
só a violência do acordar apaga
castelos, campos, flores, e gente
e da viagem interrompida nada

no mar de lama, oriente da vida
em busca de ti vivo sem rumo
no ocidente da rota perdida
onde o verde? Agora é fumo

procuro mas é perdido o porto
a nau, sem nome, era esperança
fica o sonho, nele fico absorto
e vivo-me no tempo de criança

Março 2013

詩人和他的志同道合們

POETAS & AMIGOS

詩人和他的志同道合們

YAO FENG

YAO FENG
CONQUISTADORES

Daqueles que treparam os Himalaias
alguns morreram a meio da subida
Os sobreviventes que ascenderam aos cumes
agitaram a bandeira em frente das câmaras
mostrando ao mundo inteiro
a sua conquista de Sagarmatha

As lentes deixaram de fora os Sherpas
de pé, em silêncio, num canto
São carregadores, não são conquistadores
Por escassos trezentos dólares americanos
eles levam qualquer explorador
à conquista do pico mais alto do mundo

NAVEGAR OU VOAR

Sufocados pela monotonia da vida, ele e ela
respiram só neste momento
em que ele estreita a cabeça dela nos braços
a falar da vida, do amor, e até da morte
como se a morte fosse o amor sublimado
e a escada para o paraíso.

No lençol em desalinho e molhado,
o mar ainda a ondular
e a tempestade, a ocupar o céu.
Eles continuam a navegar ou voar
mesmo com o destino condenado à terra.

VI UM CAVALO

Vi um cavalo – elegante e poderoso
De crinas brancas, puro e natural
Em paz total pastando a erva verde
De vez em quando levantando os cascos
Afastando os moscardos com a cauda

Simple, absoluta, perfeita criatura
Nem sinal de impureza no brilho do olhar
Para além de pastar e galopar
Não aspira a uma vida melhor

No coração cresceu-me uma ternura
A minha solidão irmã da dele

Neste mundo que incessante muda
É mais espontâneo o amor aos bichos
Do que aos humanos.

詩人和他的志同道合們

詩人和他的志同道合們

MANUEL AFONSO COSTA

MANUEL
AFONSO COSTA

1.

tu sabes os discursos
fixados pelas utopias desfocadas
enquanto a alma estrebucha nos
cenáculos, nos desterros, nas cisternas
dos arquivos e da história

eles são os assassinos tu sabes
os autênticos usurários
das nossas emoções piedosas
eles são a cicuta das palavras
o veneno subtil dos predadores

imolam as vítimas seduzindo
deuses
como se fosse possível alcançar a
salvação
em compêndios de estética

o berbequim dos ideólogos
relança a questão do lixo
drenado por exegetas
em monturos hermenêuticos

mais tarde ou mais cedo
todos aprendem a orgia da
salvação
o grande bacanal do estrume
em canteiros catalogados,
onde frutificam metáforas
e demais excrementos
entre flores literárias cultivadas
por amanuenses.

2.

o homem que sucumbiu
ao cansaço da bondade
entrará no paraíso aos trambol-
hões
atirado para um canto
como um saco de batatas
assim também o destino da
beleza
que suportou a insídia dos sub-
úrbios
a perfídia do tempo
o verdete, o arbusto de sangue
sujo de lama
o muro da tua ruína

contudo os olhos teimam
nessa luz quase mortífera
oscilam nos vértices da água
os suicidas
*na incerteza eterna de uma
dúvida*

os mesmos deuses imolados
em rituais que tresandam
a luxo e naftalina

os mesmos sentimentos
pios e lamechas
o mau gosto encardindo
o olhar posto de novo
e ainda a mesma intriga de
lavado
ah! essa gente
encenando culpas rápidas
que logo mergulham
nas luras pútridas da alma
para mais um ano
de matreiras malandrices

3.

as pequenas coisas
do mundo
dão-se ao exercício da memória
agora, por exemplo, arear os
asados
haverá beleza mais crua
mais de levar à boca
o sol é tão intenso na água
absorvida pela argila dos teus
lábios
que rumoreja
ou são as pérolas de suor das
tuas axilas
preciso apurar o ouvido
e estar mais atento para a pró-
xima
era um terreiro diante do chafariz
e além dos cântaros eu lembro
a beleza suja das rodilhas
e os cabelos meu deus
madeixas banhadas pela luz
ameaçando incendiar toda a
cabeça
entre as pernas o barro poroso

encontra a forma que o abraça
mas também uma fogueira
que de súbito se acende.
Ou apaga!?

4.

até ao crepúsculo se alongará o dia
em afazeres estéreis
ou mesmo em adornos daninhos
só o anoitecer mais uma vez será real
e um modo alegórico de dizer
que em cama de sombras
nos deitaremos
mais tarde ou mais cedo
diz-se: são vidas,
como se isto bastasse
a ramificação ininterrupta das
estradas
as aldeias desafiando a geometria
dessa ramificação
esse modo como as olhávamos
de longe
às vezes deitadas nas encostas
vigilantes
protegendo-se das tempestades
com cobertores de névoa,
outras vezes espreguiçando-se
ao sol
na fundura de vales
onde toda a luz mergulha
e tantas vidas remotas, oblíquas,
perdidas como sombras esquivas.

5.

Adormecer numa clareira
ouvindo o rumor
das águas de um ribeiro
que corre perto
o tempo polindo seixos
e pondo juncos a descoberto
todos os sentidos
vislumbram o modo
como a luz da montanha baixa
e se enrodilha na luz da água
anoitece, estremecemos de frio
o teu corpo fica apetecível
como pão molhado.

6.

naquele tempo eu sonhava
com a frutificação da loucura
o silêncio a apoderar-se das casas
enquanto a boca procurava
ao abrigo das línguas inimigas
alguns frutos e outras espadas
e até outras liturgias

chegava a ser sumptuoso
o despovoamento
mesmo os mais timoratos
enfrentam deus com os olhos
baixos
o poder divinatório das mãos
Ah! Essa mãos
à procura de uma ilustração
divina ...

dai-me a inútil beleza do Outono
as folhas esfarrapadas, o doura-
do do céu
a luz suave que se afoga no
cinzento
do anoitecer

Sim! que tudo afinal se ofereça
ao festim do desejo
uma côdea de mágoa
uma língua procurando
entre os destroços
o que ainda anuncia a tua boca
um fio de água

é só para matar a sede, ...
mais nada.

詩人和他的志同道合們

MANUEL PINHO

51

É PRIMAVERA. QUE A ÁGUA ALIMENTE A ÁRVORE DO POEMA!

MANUEL PINHO

Em Olímpia, num altar,
sacrifiquei o teu sonhar a Zeus.

será troféu de disputa entre os
deuses, entre os guerreiros

Entreguei-lhe a tua carne, os teus
sonhos
e os meus. Mas guardei-lhes a
máscara e

e os artistas de circo. Está no
meu sacrário,
no meu altar para um dia poder
voltar a te amar.

no Templo a tua múmia ressusci-
ta sempre que
nela disperso o meu olhar. Foste
libelinha, nenúfer,

Mesmo que seja apenas um
traço da tua silhueta e o teu
corpo de incenso.

Manuel Pinho, Março de 2012

ninfa do meu destino, conta do
meu rosário.

E hoje!? Contento-me com as
cinzas dos teus sonhos

numa caixinha de cedro, guarda-
das no meu armário
de parede, fechado à luz, à pala-
vra, à nudez e à heresia
do discurso, e da fotografia. A tua
virgindade não mais

奧林匹亞山，祭壇
我把你獻給宙斯

讓我有一天
能再去愛

獻上你的肉體，你的夢
我的肉體和夢
單留下它們的面具

即使你只有一線輪廓
即使你只是一縷香

寺廟，你的木乃伊
只消我的目光掃過便復活
你曾是蜻蜓、睡蓮、命運女神
我的玫瑰經念珠
或許今天，你夢的骨灰
令我神怡

（韓麗麗 譯）

（劉鈺馨 姚風 譯）

你那雪松木骨灰盒
安放在我的櫃裏
遮天蔽日
遠離演說、閃光燈的蠱惑
你的貞潔不再是眾神、勇士爭
鬥的獎盃

它就在祭壇上

MADRUGADA

Trinta e oito anos!
Foi ontem!
Foi hoje de madrugada
que também eu levei
a alvorada, o cravo,
... a Armada
as avenidas, bairros e vielas
de Lisboa!

A gesta subia as árvores,
aos tanques,
abraçava a espingarda,
beijava o chão e todo o seu
irmão:
o soldado, o marinheiro, o
capitão ...

Caeiro, Campos, Reis
também lá estavam
Pessoa aos trambolhões
o Bernardo numa gritaria
e até o Alexander Search
apareceu com uma bandeira,
Enquanto o povo chorava

Camões,
de alegria.

Foi uma madrugada, uma alvorada,
um poema a renascer
que é preciso (re)escrever
para que Abril não volte, como
hoje,
a morrer,
no meu, no teu, no nosso
coração,
razão de ser do sonho, da nossa
nação!

Manuel Pinho, Abril de 2012

黎明

三十八年，彈指間
就像昨天
就像今天的黎明
我被帶進
奏樂、康乃馨、艦隊
里斯本的大馬路、居民區和小
巷子

就在這個黎明
一首詩脫胎換骨
重新撰寫後的四月
在你的、我的、我們的心中
不會再死去
它要成就夢想
民族之夢！

人們爬上樹
爬上坦克
擁抱卡賓槍
親吻地面，親吻夥伴：
士兵、水手、船長們... ..

*全部為佩索阿的筆名。

(韓麗麗 譯)

卡埃羅*、坎普斯*、雷斯*都在
佩索阿一副醉相
貝爾納*在吶喊
甚至亞歷山大·薩馳*也擁抱一
面旗幟
人們滿心歡喜地呼喚賈梅士

PORQUE CHORAS, MÃE?

Porque choras, mãe?
Eu vou ali, pertinho, ao Cataio
e volto já

onde a montanha é sagrada
e a natureza dos homens
nada tem de agreste

Tenho lá um pote Ming
para guardar o teu mel,
uma chávena de porcelana Ching
para o teu chá de cidreira
e um frasco do imperador Qian
Long
para cheirares o meu perfume

Eu não me demoro!
Volto já!
São apenas cinco minutos
naquele grandioso mercado de
rua!
O tempo para regatear o preço
da minha língua!

Porque me abraças, mãe?
Eu vou trazer-te milhões de
abraços,
ramos de peónias, flores de lótus
para enfeitares a tua jarra de
amor
e também uma fénix
para voarmos juntos

Volto já!
Mãe!

As tuas lágrimas, os teus abraços
serão a minha bússola
no Império Celeste,

SAUDADES DA MINHA LÍNGUA

Tenho saudades de sentir,
de falar a minha língua!

Não do cafézinho, do cházinho
ou do lanche de pasteis, do
funcionário
permanente ou a termo,
mas do pão que alimenta a
minha alma
e do vinho que mata a minha
sede dos deuses

Sim! Tenho saudades do corpo,
das nádegas e dos mamilos da
minha língua,
porque, aqui, morro à míngua de
nada
falar, estrebuchos na gramática do
verso,
no meu mundo tão fechado, tão
disperso

Tenho saudades de mim, de ti,
do meu pai

que me escutava nas horas da
sesta,
nos tempos de invernia e nas
épocas estivais
em que as nossas palavras se
banhavam
nas águas frias, salgadas do mar
português

É verdade! Tenho saudades de
Camões, de Pessoa,
da minha mãe e da sua broa,
da semente que não mente, não
finge que é ardente,
do gesto anónimo, da saudade
que me mate
este vazio, pronúncio de morte.

Tenho sa- u- da- des
... de mim,
dos tempos em que eu ...
era eu!

詩人和他的志同道合們

TEREZA SENA

TEREZA SENA

A TEIA DE PENÉLOPE

PRIMAVERA

A teia de Penélope
na vidraça em frente

Em vermelho
se anuncia a Primavera

Ponto a ponto
se consome dia e noite

dos braços de *mukmin*
o frio cairá

A Fénix vai surgindo
colorida

Fevereiro de 2013

Bordando a esperança.

Fevereiro de 2013

春

織機往復晃明窗，
佩內羅普穿梭忙。
萬線千針耗日月，
癡情化作彩鳳凰。

紅
屏翠映花春意濃；
木棉樹
展臂辭寒冬。

2013年2月

2013年2月19日

A estrutura de vime
do cesto de vindima
É encanastrado de vida.

Da uva ao mosto,
sol condensado
em grãos de açúcar.
Por vezes vinagre,
acre tempero
do óleo balsâmico
ou azeite de unguento.
Fado efémero,
trepadeira verde
em cepa carcomida
por mergulhia revitalizada.
Descida ao húmus
vala, enxerto, estrume.
O fio de ráfea
que ata
depois da poda.
Grito de vida em socalcos
chão de areia
ou pedra inerte.

Pelo entrelaçado dos cestos
A memória consumida
minuto a minuto
num ciclo de vida.

詩人和他的志同道合們

HAN LILI

HAN LILI

大堂斜巷 (TRAVESSA DA SÉ)

巷子盡頭，一面瓷磚牆
釉彩粉飾的帆船
恩里克王子的身影
一場遙遠的洲際之旅
從大西洋彼岸抵達遙遠的東方
歷史沉澱成記憶後的畫面
無一例外地波浪壯闊

碎石鋪成黑色波浪
始於十五世紀的葡萄牙地理大
發現
馬努埃爾式海洋圖騰
沿巷口蜿蜒而下
在媽祖腳下延續昔日輝煌

水手的信物—海之蓮
蛋家女拿來拜佛獻香，保佑平
安
四百年來從未放棄
自始至終聆聽主教堂鐘聲
無畏綻放

(2012) 韓麗麗

福隆新街 (RUA DA FELICIDADE)

巷子盡頭，一面瓷磚牆
銀幣嘩啦作響
催醒紅窗門大宅幽魂
冷眼，俯視人間煙火
不甘寂寞
娉婷移步
一杯鴛鴦奶茶
往事知多少
花國三街鴉片大煙
開埠百年同治年間蝦子撈麵
番攤、牌九？
新世紀流行百家樂、輪盤賭
奈何
縱使一擲千金
肉身不贖
青樓已逝

(2012) 韓麗麗

POETAS & AMIGOS

詩人和他的志同道合們

ANTÓNIO MIL-HOMENS

ANTÓNIO
MIL-HOMENS

1.

Há uma gruta
no meu peito
e não é a de Camões.
Estrofes de sofrimento,
Karma de outras vidas,
Eco doutros poemas,
Estoiro doutros panchões.
Senda de muitas vindas,
Rasgo de muitas idas,
Sede da mesma fonte,
Falha doutras paixões.

2.

Regurgito as mágoas
que a alma não digere,
criptogritos que flagelam
sem desfecho,
meteoritos que cravejam
esta pele,
hieróglifos decifrados
por contexto.
Cometas que não deixam
que os sele,
telescópios focados
no pretexto,
buraco negro que apela,
que me engole,
como cada página se apropria
do meu texto.

3.

Sorvo o ar e sufoco,
pária nesta Pátria
lúcida, cruelmente clara
na intenção de nos perder,
arrastados numa enxurrada
de fluidos, lacrimalmente diluídos
os gostos, os porquês,
os gestos duma gestação
de afetos aos corpos afectos,
as sensações de volúpia,
a frescura gelada da dor,
o consenso das palavras.
Esbofeteadas as faces,
artriticamente entrelaçados
os membros na procura
dum rosto familiar,
perdido na multidão
dum qualquer Abril subvertido.
Subjugados a quatro,
espremidos pela inflação
dos conceitos indiciando
a corrupção dos princípios,
anunciando o fim eleito,
caos dos direitos,

tortuoso código, imbricado
regulamento de despeitos
e incongruências.
Atraído Maio. Quente
e avassalador meio de perdição.

Lento porque torturante,
belo porque estranho, louco
e obcecante, amor/ódio
pleno e sólido, diante
dum portal de Inferno,
chocante e tórrido, Dante
o criou perante nós,
incrês pedantes, empedernidos
ilhéus de incultura.
Mordazes algozes,
peregrinos devoradores de milhas
de incomensurável fé,
de aflitos calvários
e sórdidos comércios,
de fabricantes néscios
de promessas inacabadas,
pedúnculos putrefactos

nas jarras do pátrio altar
sebastianicamente incensado
dum nevoeiro que nos tolhe,
diminui e mata a nacionalidade
futebolisticamente seleccionada,
patrocínio levedado aqui
e lucrado acolá, enebriados
a copo ou à garrafa,
marafados e roucos,
claque entusiástica do final.
Sem formação nem reforma.
Sem o conforto social da segurança,

adstritos à desgastada esperança
duma taça, dum fado em desgraça,
desgarrada tresmalhada e dissonante
da nua realidade, sem manto
que diafanamente nos esconda
e enxugue o pranto.

詩人和他的志同道合們

DEBBY SOU VAI KENG

DEBBY SOU VAI KENG

NOTHING HAPPENS TWICE

IN MEMORY OF WISLAWA SZYMBORSKA

nothing happens twice but
death often multiplies yesterdays as
if today were no different from to-
morrow like

Helen keeps pouring colors over
mounts and seas
Benjamin's small feet always run
on Berlin's streets
and Wislawa can't stop saying
nothing
can ever happen twice

every rose has its ever changing
growth
every crow wails at each single
moment to each single note
a poet may repeat lines to breathe
life into our minds
but it is death that repeats life
and makes it whole

A MOON OF MY OWN

GEORGIA O'KEEFE - ANITA POLLITZER

i draw a circle and travel with it to
the moon
someone has drawn in the sky an-
other moon
and another and another and
some have named them
moon more often than not dis-
tracted by others
with love and fear and sometimes
forget there is always their own
moon

I draw a circle with lines round
and round
the wind seems to lead the clouds
clouds
seem to know where to go on the
way home yet
never reaching home perhaps we
are
moons too far away the way we
are

drawn to each other and apart

i draw a circle and carry the moon
everywhere
i go inside is all i have do not have
i take out all i want to give and
take
but it is you I will always keep in
this
never-ending round and round
we travel
until we lose track of time time
travels

i draw a circle in red red makes
you think of the sun
and believe it is hot where I am
not where my body is
you so far away my friend like the
mud yellow desert
i draw with a sliver of blue the
moon hidden behind gray clouds
you the body only shell of a long-
ing for
the reds of a moon soul can travel
with

ATTEMPT AT METAMORPHOSIS

I walk from city to city
sail across the sea
climb over mountains
still
I am imprisoned
on Earth

have already followed teachings
of Krishnamurti
to learn to be less stupid
still
I walk on Earth

I've written 1000 times Zhuang
Zi's scriptures
still unable to grow the wings
of a butterfly

still
I walk on Earth

詩人和他的志同道合們

詩人和他的志同道合們

GONÇALO LOBO PINHEIRO

GONÇALO
LOBO PINHEIRO
DESENHO

Vi fazer-se o sol na tua face.
Daqui, onde me encontro, traço o perfil
De desenhos que me tornam mais humano.
Sinto que todas as coisas me finalizam.
Já tinhas reparado?
Estes rabiscos significam os
Sensíveis traços da tua pele.
Creio que afinal posso desenhar um pouco melhor.
O sol ajuda-me. Faz-se no teu rosto.
Ilumina estes papéis que trago.
Neles consigo imaginar o sentido
Da arte de te desenhar.
Deixo entrever as tuas linhas e sombras.
Destaco os contornos e as formas.
Reproduzo, plano, e porque me
apetece
A silhueta do sentir diverso mas nada alheio
De como te vejo na mente.
Com este sol, com esta luz,
Te desenho porque preciso,
Porque vejo ondulante o teu corpo aqui, no meu papel.

FEL

Este é o último poema que escrevo.
Escrevi tantos que me sinto inútil neste amor.
Com o passar do tempo provei o fel da tua distância.
Chorei a tua ausência fechado num quarto vazio,
onde só o som do silêncio conseguia ouvir.
As paredes pareciam querer cair em cima de mim;
enterraram-me a alma, vazia, no chão daquele quarto.

PÁTIO DA PROSPERIDADE

escrevo poemas fugindo, como tu,
deste engano vazio e hábil que te faz
chorar.

faltou-me gritar o silêncio triste da
tua ausência,
nas horas gastas na lentidão da
noite.

lancei o meu corpo, sombreado no
chão,
ao lado daquela parede inacabada
do pátio da prosperidade.

詩人和他的志同道合們

詩人和他的志同道合們

CARLOS FROTA

ALEGORIA DO LIVRO DO GÊNESIS
OU REVISITANDO OS MITOS FUNDADORES

CARLOS FROTA

I. O ACTO DA CRIAÇÃO

Fomos criados do nada
- apenas um sopro de vento
na massa informe do barro,
mistura talvez incerta
de lama e de excremento...

E desse acto generoso
brotou corpo e pensamento...

Os materiais eram poucos
e tudo se confundiu
no acto de criação:

Na face pousaram estrelas,
nos olhos sobrou-nos mar,
dos dedos nasceram asas
e sonhos para sonhar.

Ficamos com sede e fome
dos infinitos futuros
e sedentos igualmente
das alvoradas precoces

onde os dias só são dias
na nossa imaginação,
pois preservamos a luz
do acto da criação.

O fruto veio a seguir
e a ruptura também.
E de repente foi noite
no jardim da perfeição.
De súbito fechou-se o sol
e diminuiu a sua luz
ate ao tamanho da lua...

e Eva sentiu-se nua...
e Adão olhou para si
e sentiu-se verme, num corpo
onde afinal não cabia:

não cabiam os seus sonhos
de insensata grandeza,
não cabia a alegria
de se sentir semi-deus.

II. SOMOS HERDEIROS DE CAIM

E Adão compreendeu
que, tendo prontas as asas,
não lhe pertencia o céu;

que o que via dos seus olhos
- toda a distancia das nuvens
onde não iria morar-
era a ilusão de um mundo,

mundo para sempre perdido,
mundo para sempre perseguido,
nossa casa inabitada,
nossa casa prometida,
nossa casa adiada
como a vida.

E desde então,
somos herdeiros dum jardim
de canteiros inacabados,
onde nunca mais paramos de
plantar
sementes de eternidade,

frustrados de não ver despontar
essa arvore definhada,
seca para sempre abortada
que não vai renascer jamais!

III.

Emergimos do dilúvio
purificados
nós os sobreviventes
da Arca de Noé
escolhidos por um Deus
cruel e bom.

de sermos
de novo semi-deuses
erguidos do pó
pelo Deus Maior

A pomba regressou
e houve terra
e houve vida de novo
e houve amar
e a traição que acompanha
o amor
e tudo o mais
já conhecido
da humana condição.

E houve luto
e houve festa
e houve guerra
e houve bênção
do céu
e o castigo

IV. O BEZZERO DE OURO

Moisés estava ausente
na montanha sagrada
e nos ali em baixo
deixados sós
sem saber que conversas
lá em cima entre Moisés
e o Senhor
selariam o destino
de nossas vidas
de nossa morte

e deixados sós
sentimos o desejo de adorar
o substituto do Deus ausente
Aquele Deus opressivamente
silencioso
quando dEle precisamos

e não nos vem como sinal
nem um agitar ao de leve
do vento norte

construímos o bezerro
de nossas mãos implorantes

e nele pusemos a esperança
e nele a razão
e a loucura
de quem se sente
perdido
e órfão

V. O MANÁ DO DESERTO

O maná do deserto
nos foi dado
e depois cessou
suplicamos por mais
pois queríamos merecer
a benção de um Deus
conveniente
e útil

mas uma voz desceu do céu
na minha imaginação
e disse:
Acabou!
Mostrem o que valem,
Homens que criei .

E foi sem o maná
que reinventamos a Historia.

VI. A TERRA PROMETIDA

Depois foi-me prometida
a terra dos avós
a terra do leite e do mel
das tâmaras suculentas
e das sombras de palmeiras
frondosas
a beira de mares imaginários
feitos de todas as miragens
da minha imaginação

e eu sou judeu
e eu sou árabe
e eu sou cristão
e eu sou budista
e eu sou ateu

e a minha terra prometida
será diferente da tua
terra prometida
por isso baixemos as armas
porque estamos a lutar
por terras iguais mas diferentes
diferentes mas iguais

como será a terra prometida
aquelas a quem não foi prometida
qualquer terra
esses deserdados
de todas as possessões
predestinados pobres
na terra e nos céus?



官樂怡基金會
FUNDAÇÃO RUI CUNHA